



## **Extensão Universitária na modalidade a distância: reflexões sobre mídia e educação na educação básica**

Roselaine Ripa<sup>1</sup>

Tania Regina da Rocha Unglaub<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de apresentar resultados da ação de extensão “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação”, integrante do Programa de Extensão “Diálogos entre Indústria Cultural e Educação: desafios e possibilidades na Educação Básica”, desenvolvido de 2016 a 2019, no CEAD/UDESC. Esse programa teve origem na necessidade de efetivar discussões sobre as relações entre mídia e educação no contexto escolar e foi composto por três ações extensionistas. Este trabalho irá focar na ação que foi desenvolvida por meio de um curso na modalidade a distância, oferecido para estudantes de graduação, profissionais da Educação e comunidade em geral interessada no tema.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária. Formação Docente. Educação a Distância. Indústria Cultural. Educação.

---

<sup>1</sup> [roselaine.ripa@udesc.br](mailto:roselaine.ripa@udesc.br) – UDESC

<sup>2</sup> [tania.unglaub@udesc.br](mailto:tania.unglaub@udesc.br) – UDESC



## ***University Extension in distance mode: reflections on media and education in basic education***

### **ABSTRACT**

*This work aims to present results of the extension action "Infância.com: building dialogues between cultural industry and education", part of the Extension Program "Dialogues between Cultural Industry and Education: challenges and possibilities in Basic Education", developed in 2016 to 2019, at CEAD/UDESC. This program originated from the need to carry out discussions on the relations between media and education in the school context and was composed of three extension actions. This work will focus on the action that was developed through a distance course, offered to undergraduate students, education professionals and the community in general interested in the theme.*

**Keywords:** *University Extension. Teacher Formation. Distance Education. Cultural Industry. Educacion.*

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da ação de extensão desenvolvida na modalidade a distância intitulada “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação”. Essa ação teve o propósito de promover diálogos sobre as relações entre mídia e educação de forma crítica e reflexiva, entrelaçada com embasamentos da Teoria Crítica da Sociedade na perspectiva de Theodor W. Adorno (2003; 2010) e esteve integrada ao Programa de Extensão “Diálogos entre Indústria Cultural e Educação: desafios e possibilidades na Educação Básica”, desenvolvido de 2016 a 2019, no Centro de Educação a Distância (CEAD), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com financiamento do Edital PAEX/UDESC 2015, 2016 e 2017 (Programa de Apoio à Extensão).

Esse Programa foi composto por três ações extensionistas propostas anualmente no período de 2016 a 2019. A primeira ação, foco deste trabalho, foi realizada por meio de um curso na modalidade a distância. A segunda ação, “A indústria cultural invade a escola brasileira: construindo ações na Educação Básica”, foi realizada presencialmente em alguns municípios do estado de Santa Catarina: Balneário Piçarras, Caçador, Florianópolis, Jaraguá do Sul e Treze Tílias, em parceria com os polos de apoio presencial da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A terceira ação, “Teoria Crítica e Educação”, foi um seminário de extensão, com mesas de discussão com especialistas na temática do programa, com o propósito de integrar os participantes e articular de forma mais efetiva as ações de extensão, ensino e pesquisa realizadas no CEAD/UDESC, com transmissão por videoconferência.

As atividades foram elaboradas devido à necessidade de contribuir, via extensão universitária, para efetivar a discussão em torno da relação entre mídia e educação no contexto escolar e na formação de professores. Desta forma, justifica-se sua relevância considerando que o tema tende a ficar limitado às possibilidades de usar as mídias para ensinar melhor determinado conteúdo em detrimento de uma discussão sobre as suas mensagens e influências na vida dos indivíduos.

Em estudos anteriores (RIPA, 2005), destacamos que o entendimento de que a mídia possui um poder de influência e interferência nas vidas dos indivíduos está cada vez mais difundido e aceito. Porém, este mesmo discurso não se apresenta como capaz de, por si só, conduzir a uma atitude crítica diante das mensagens midiáticas propagadas. Neste sentido, podemos destacar que não é tarefa fácil na sociedade administrada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) a identificação da industrialização da cultura a que somos submetidos e do quanto seus produtos tendem a lançar moda e gírias, a criar atos de consumo, a moldar a opinião pública e a disseminar valores e crenças. Estes aspectos reforçam a importância da existência de estratégias de educação para a mídia no processo de formação de cidadãos mais conscientes e preparados diante dos desafios da vida contemporânea (RIPA, 2005).

Na análise e reflexão da ação “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação” é importante destacar, neste primeiro momento, sua estrutura de execução como

um curso de extensão. O corpus documental, que fez parte da coleta e análise de dados, foi composto por documentos elaborados pelos cursistas, e constam no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) – Moodle, local onde o curso foi oferecido. Além de apresentar os módulos que compuseram o curso de extensão, os documentos analisados foram as avaliações não obrigatórias respondidas ao final de cada módulo e os conteúdos das atividades propostas. Importante também mencionar que procuramos preservar a identidade dos cursistas, mantendo o anonimato através da identificação “cursista 1”, “cursista 2” e assim por diante. Ao discutir essa ação de extensão e suas articulações, espera-se contribuir para superar os desafios e identificar as possibilidades de se efetivar na Educação Básica diálogos sobre mídia e educação.

## 2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EaD

De acordo com o Plano Nacional de Extensão (BRASIL, 2001), a extensão universitária faz parte de um processo educativo, cultural e científico, articulando o ensino e a pesquisa de forma indissociável, de modo a viabilizar a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Baseada neste princípio, a extensão universitária no Brasil procura viabilizar ações que respondam às demandas da sociedade, oportunizando um espaço de produção de novos saberes nas várias áreas de conhecimento. Tais concepções também norteiam a concepção de extensão da UDESC que pode ser verificada no capítulo II, art. 3º, da Política de Extensão aprovada no CONSUNI em 2019:

A extensão universitária é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a UDESC e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (UDESC, 2019).

A proposta do Programa de Extensão “Diálogos entre Indústria Cultural e Educação: desafios e possibilidades na Educação Básica” se insere nesta concepção extensionista assumida pela UDESC de contribuir com a integração social. Sendo um programa de extensão na área da Educação, aprovado nos últimos editais PAEX realizados pela UDESC, busca a indissociabilidade entre o ensino, a extensão e a pesquisa para alcançar as escolas e os profissionais da Educação Básica em formação inicial ou continuada.

Estudos mostram que a extensão universitária se torna um espaço privilegiado de formação e aprendizado profissional, pois “[...] proporciona as articulações entre teoria e prática, realizando um ‘ir’ e ‘vir’ permanente à realidade social, o que contribui significativamente com o progresso cultural, político e econômico do país.” (SANTOS, 2014, p. 42). Neste sentido, o autor considera a atividade de extensão como uma “fonte de aprendizagem e oxigenação do conhecimento (artístico, científico, tecnológico e cultural) produzido na universidade, para possibilitar a geração de novos conhecimentos de forma interdisciplinar” (SANTOS, 2014, p. 43). Desta forma, as ações extensionistas favorecem, além da formação acadêmica, uma formação

integral, de cidadania e profissional, possibilitando o aprendizado da profissão a partir da realidade objetiva, o que pode contribuir para a construção de uma sociedade mais participativa e democrática.

Para haver essa oxigenação, bem como o ir e vir mencionado por Santos (2014), é necessário o diálogo entre as instituições de ensino superior e os extensionistas, bem como sua inserção nas comunidades. Neste paradigma, importa lembrar o escopo do princípio educacional do patrono da Educação Brasileira – Paulo Freire (2006) – que sempre defendeu princípios de transformação para uma sociedade mais justa e democrática, a partir dos conhecimentos gerados pela aproximação com o povo. Portanto, entende-se que as ações extensionistas devem fazer parte da formação integral que a universidade busca oferecer àqueles que nela ingressam na busca de uma formação de acadêmicos comprometidos com o seu tempo e com aqueles que lhes rodeiam.

Ancorada nestes princípios referentes à importância da extensão universitária na qual as ações devem vir ao encontro das necessidades observadas, foi elaborada a proposta do Programa de Extensão “Diálogos entre Indústria Cultural e Educação: desafios e possibilidades na Educação Básica”. O referido programa está fundamentado na necessidade existente de trazer para o universo escolar a reflexão ausente sobre os meios de comunicação social, utilizando-os como instrumento para despertar consciências críticas. “A escola não pode ignorar, por mais tempo, o desafio de investigar os meios de comunicação social enquanto mediadores da realidade cotidiana de seus alunos.” (COSTA, 1994, p. 194). Sendo assim, a proposta foi construir diálogos com os profissionais da Educação Básica nas ações propostas, de forma que os participantes pudessem se posicionar, questionar e refletir sobre a relação entre a indústria cultural e a educação.

À medida que entramos na era da cibercultura, muitas pessoas ficam admiradas diante dos avanços que a sociedade global foi capaz de construir. A sociedade atual, que se gaba dos avanços tecnológicos conquistados e da democratização do saber proporcionada à humanidade, revela em suas entranhas a fetichização da técnica e a reificação das consciências. A intenção de democratizar a cultura como garantia de uma sociedade mais justa e igualitária não foi concretizada (RIPA, 2005).

Neste cenário, as mensagens propagadas pelos meios de comunicação social fazem-se presentes em todos os lugares, influenciando a percepção, os sentidos humanos e a capacidade dos indivíduos de estranhar e resistir, para serem submetidos às imposições do processo da semiformação (ADORNO, 2010). Vivemos em uma sociedade em que predomina a ausência de reflexão diante das manifestações da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A articulação dos diversos meios de comunicação social, que recebem a sua força da totalidade do sistema, contribui para que o indivíduo abandone as tentativas de formação cultural, pois considera que os supostos conhecimentos divulgados já são suficientes para lhe tornar informado e capaz de discutir os problemas sociais. E, neste contexto, os sistemas de comunicação social são utilizados como vitrine para os produtos da indústria cultural, influenciando os hábitos, opiniões e consumos dos indivíduos.

O entendimento de que a mídia possui um poder de influência e interferência nas vidas alheias está cada vez mais difundido e aceito. E são esses aspectos que reforçam a importância da existência de discussões das relações entre mídia e educação na Educação Básica. Maar (1994) destaca que a verdadeira escola do Brasil tem sido os meios de comunicação social, pois são eles que assumiram a função de formação (ou de-formação) nacional.

[...] Assim, a “indústria educa(na)cional” se realiza prioritariamente pelos meios de comunicação de massa – TV, Rádio etc. – que associam a sua grande penetração à condição sistêmica, impessoal da comunicação. Esta é a verdadeira “escola” do Brasil atual – enquanto “função de formação nacional” – e sua capacidade “formadora” – melhor: “de-formadora” – se reflete no comportamento “popular” do eleitorado, na organização social, nas reivindicações sindicais, etc. (MAAR, 1994, p. 142).

Não se trata de atribuir aos meios de comunicação social um papel perverso capaz de manipular e “de-formar” uma nação. O destaque aqui é sobre a importância de reconhecer sua influência e contribuir para que essa discussão se efetive na Educação Básica, ou seja, despertar na comunidade escolar a necessidade de formar estudantes que estejam dispostos a questionar as mensagens que estão sendo transmitidas pela mídia.

São esses estudos que motivaram a elaboração deste programa de extensão, que tem como objetivo geral efetivar diálogos e construir reflexões críticas sobre as mensagens propagadas pela mídia, incentivando o posicionamento crítico e a formação cultural na Educação Básica. Propor uma das ações na modalidade a distância permitiu que o acesso ao curso de extensão fosse ampliado e democratizado, possibilitando por meio de proposições no AVA – Moodle o acesso aos conteúdos que foram compostos por diversas linguagens e às discussões por meio das interações entre os cursistas e a equipe docente, garantindo processos de ensino-aprendizagem com mediação pedagógica, atividades síncronas e assíncronas, atividades em equipes e *feedback* qualificado.

Neste sentido, Habowski, Conte e Jacobi (2020, p. 191) destacam a importância do uso da EaD para o desenvolvimento de cursos ancorados em uma “concepção reconstrutiva e política de integração para uma pedagogia de humanização coletiva”, indo além de objetivos compensatórios, de caráter massivo e instrumental, que pretendem de forma rápida, por meio das TICs, disseminar alternativas formativas. Os autores tensionam a discussão sobre a oferta de cursos na modalidade a distância de caráter técnicos e menos emancipatórios denunciando os riscos de uma expansão que visa atender aos objetivos mercadológicos, com formações descompromissadas e superficiais.

Além disso, é importante mencionar que ainda há discussões em torno da ausência da vivência universitária na EaD e diagnósticos de que as ações de extensão e pesquisa não incluem as instituições e/ou as turmas da modalidade a distância (ARRUDA; ARRUDA, 2015) e ficam restritas à formação dos profissionais que atuam na EaD. A extensão universitária, no caso do Programa foco desse trabalho, teve o propósito de promover experiências de extensão via EaD para os estudantes das licenciaturas na modalidade a distância e comunidade externa interessada, articuladas às ações de ensino e pesquisa desenvolvidas no CEAD/UEDESC, com

financiamento específico para extensão, seja via AVA – Moodle (ação 1) ou videoconferência (ação 3) ou ainda ações extensionistas presenciais nos polos de apoio da UAB (no caso da ação 2).

A seguir, apresentaremos a ação de extensão “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação” que é ofertada por meio da modalidade a distância desde 2016.

### **3 Ação de extensão “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação”**

A ação de extensão “Infância.com: construindo diálogos entre indústria cultural e educação”, conforme já mencionado, foi desenvolvida no período de 2016 a 2019, por meio de um curso a distância no AVA – Moodle, com 120 vagas anuais e 60 horas de certificação. Em todas as edições do curso as vagas oferecidas se esgotaram nos primeiros dias de inscrição on-line, realizada pelo *site* da instituição, respeitando a ordem de envio do formulário, pois não há pré-requisito, cobrança de nenhuma natureza ou processo seletivo para formação das turmas.

O curso foi planejado em três módulos, sendo aprimorados a partir das sugestões e avaliações dos cursistas a cada nova edição. O objetivo geral desta ação extensionista via EaD foi tecer reflexões sobre a “infância.com”, discutindo, analisando e construindo atividades que promovessem reflexões sobre as relações entre mídia e educação na Educação Básica. A partir deste objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: traçar um panorama histórico para compreender a relação entre mídia, cultura e educação no contexto brasileiro; proporcionar momentos de reflexão sobre as tecnologias digitais que fazem parte do cotidiano atual; conhecer e discutir conceitos que envolvam a temática educação para a mídia, analisando e construindo projetos alternativos para a educação básica; possibilitar a troca de experiências e conhecimentos nas atividades virtuais fundamentadas nos princípios da extensão universitária.

Na parte inicial do curso foi realizada a apresentação geral da proposta, os objetivos e a composição de cada um dos módulos e seus períodos de desenvolvimento, bem como as atividades avaliativas, os critérios de correção e de certificação (participação em 75% das atividades do curso). Um fórum de avisos para a comunicação da equipe docente com os participantes e um fórum de dúvidas ficaram disponíveis durante todo o curso.

Para iniciar a interação entre os participantes, foi proposto também um fórum de apresentação, para que os inscritos compartilhassem suas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas e destacassem as expectativas para o curso de extensão. Para ampliar a possibilidade de interação, nas últimas edições do curso foi sugerido que os participantes preparassem essa apresentação usando o *thinglink.com*, um *site* que permite a criação de imagens interativas, vídeos e mídia em 360 graus. Segue um exemplo de apresentação de uma das professoras do curso utilizando esse recurso que foi compartilhado no fórum e motivou a elaboração dos links de apresentação: <https://www.thinglink.com/scene/1022549789960568834>. Cada uma das apresentações foi comentada pela equipe docente e alguns cursistas também deram as boas-vindas e comentaram as postagens usando o recurso ‘responder’ do fórum.

Na sequência da apresentação dos cursistas, o módulo “Quem são os infantes.com?” procurou traçar um panorama histórico da relação entre mídia, cultura e educação no Brasil para discutir o conceito de “infância.com”. Este termo foi criado pelos membros do programa de extensão para provocar a reflexão sobre as infâncias que estão presentes no contexto da sociedade digital. Uma criação inspirada nos estudos da sociologia da infância, que nos levam a pensar sobre as “infâncias” que existem na sociedade atual enquanto construções sociais. Sendo assim, durante o curso, foi considerado importante ir além dos estudos que distinguem os nativos e os imigrantes digitais, bem como aqueles que classificam as pessoas nas gerações X, Y ou Z, por exemplo.

Para o desenvolvimento deste módulo foi proposta a elaboração de um glossário e disponibilizado material de estudo no formato de vídeos e textos. Esse glossário teve como objetivo aproximar os cursistas dos conceitos teóricos que podem contribuir para fundamentar as discussões envolvendo as relações entre infância, mídia e educação. Os verbetes foram elaborados individualmente ou em grupos de até quatro componentes. Os grupos não foram determinados pela equipe docente e o exercício de elaborar essa atividade de forma colaborativa, a distância, contribuiu também para a apropriação de outras tecnologias pelos cursistas, pois puderam criar grupos on-line com o objetivo de elaborar textos colaborativos em rede. A atividade consistiu na escolha de uma temática, pesquisa das referências e, a partir delas, a elaboração de um verbete de até 25 linhas. Foram sugeridos alguns conceitos, tais como: Infância, Indústria Cultural, Semiformação, Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Sociedade Administrada, Desaparecimento da infância, Criança, Mídia, Educação, Hipertexto, Técnica, Tecnologia, Informação, Comunicação, TICs, NTICs, TDICs, Tecnologias em Rede, Nativos Digitais, Imigrantes Digitais, Redes Sociais, Televisão, Internet, Rádio, Propaganda, Artemídia, Geração Z, Inclusão Digital, dentre outros. Puderam também ser postados verbetes de um mesmo conceito, desde que a abordagem escolhida fosse diferente.

Como resultado do glossário, na última edição do curso, foram elaborados os seguintes verbetes: A Família Educadora no Mundo da Comunicação; Artemídia; Criança; Desaparecimento da Infância; Educação; Educação II; Geração Z; Geração Z II; Hipertexto; Hipertexto II; Hipertexto III; Imigrante Digital; Inclusão Digital; Indústria Cultural; Infância; Infância II; Infância e Cultura; Mídia; Mídia da Educação; Nativos Digitais; Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs); Profissional da Educação; Propaganda; Consumidor; Rádio; Redes Sociais; Semiformação; Sociedade da Informação; Sociedade do Conhecimento; Tecnologia Digital; Televisão; Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Os verbetes foram avaliados pela equipe docente, que observou as abordagens utilizadas para que pudessem ser referenciados e articulados com os demais módulos. Aos cursistas também foi indicado que consultassem os verbetes elaborados pela turma e tecessem comentários e questionamentos nos fóruns disponibilizados.

**Gráfico 1 – Pertinência dos conteúdos do primeiro módulo.**



**Fonte: Elaborado pelas autoras com base na avaliação dos cursistas no AVA – Moodle (2019).**

No final de cada módulo, os cursistas foram convidados a responder uma autoavaliação e realizar uma avaliação do curso de caráter não obrigatório. Sobre os conteúdos abordados neste primeiro módulo, todos os respondentes consideraram pertinentes os conteúdos abordados (Gráfico 1).

O módulo seguinte teve o objetivo de incentivar discussões entre os cursistas sobre a relação entre sociedade administrada, mídia e educação. A proposta foi baseada na promoção de discussões em um fórum a partir do documentário "Criança, a alma do negócio" (CRIANÇA, 2007), dirigido pela cineasta Estela Renner e produzido por Marcos Nisti. Ao observar as interações dos cursistas nas postagens do fórum podemos afirmar que as postagens realizadas destacaram, principalmente, suas impressões em torno do consumo infantil e o desaparecimento da infância:

O que me chamou bastante atenção no documentário foi quando foi relatado que a publicidade foca na criança e gera a competição sem nos darmos conta, e muitas vezes a condição social dos pais não consegue acompanhar ocasionando frustração. Triste ver no documentário que a maioria das crianças prefere comprar do que brincar e assim a infância vai desaparecendo. Veem no consumo a substituição do afeto, relação de amizade. O que percebo é que deveriam existir leis mais rigorosas como em outros países sobre as propagandas, pois elas só pensam no lucro mesmo sabendo que podem fazer mal para as crianças como no caso dos alimentos; e os educadores trabalharem com os pequenos o 'ser' para que eles saibam diferenciar do 'ter' e que não percam a inocência de ser criança. (Cursista 1).

A dificuldade que os educadores têm hoje ao se relacionar com as famílias e suas ausências, incluindo a sua culpabilização, também foram questões destacadas na discussão:

De acordo com a proposta, inicialmente quero compartilhar um aspecto que considero relevante no vídeo. Me chama a atenção quando algumas crianças respondem o que mais gostam de fazer... 'comprar'. Interessante perceber que os pais têm a consciência da influência que a TV ou a mídia em si possui sobre suas crianças e não fazem muita coisa para protegê-las. Como mãe, também passei por estas situações onde meus filhos pediam algo por conta de uma propaganda. [...] Uma impressão forte transmitida pelo documentário é que as crianças parecem adultos em miniaturas. Parece que os valores estão sendo perdidos e que nossas crianças não aproveitam sua infância, as brincadeiras entre si, não passam por esta fase tão importante do desenvolvimento e do

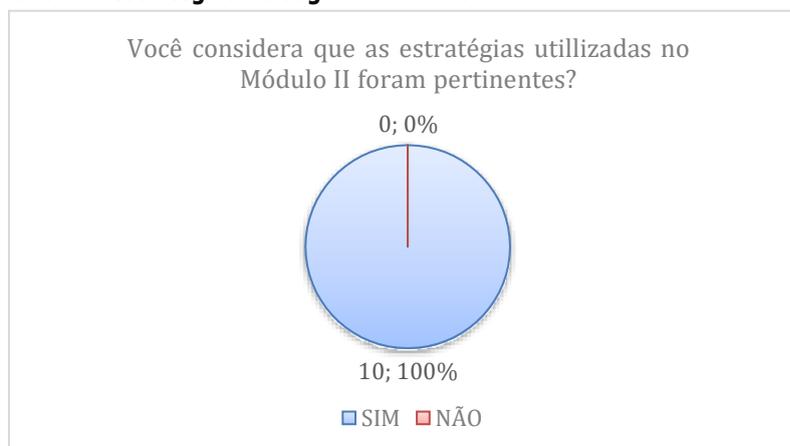
crescimento infantil. Infelizmente, com as impressões do documentário e do que observamos no dia a dia, também podemos perceber que a sociedade não parece estar perto de resolver estes problemas. Os pais estão muito ocupados com os trabalhos e com as aquisições materiais, suprimindo as necessidades dos filhos com presentes e não com atenção e carinho. O amor anda sendo substituído pelas compras. Os pais parecem fortalecer o que a mídia oferece todos os dias e os filhos vem sofrendo esse reflexo, como percebemos nas falas das crianças quando dizem que gostam mais de comprar, de ir ao shopping, que gostam mais de assistir à televisão do que brincar. O que estamos fazendo para proteger nossos filhos dessas influências negativas tão visíveis na atualidade? (Cursista 2).

Essas postagens no fórum, referentes à última edição do curso, estão articuladas com os estudos propostos por Postman (1999) na obra "O Desaparecimento da Infância". O autor destaca alguns indícios de que a infância está em extinção e alerta sobre a necessidade de controlar o acesso da mídia aos filhos: limitar o tempo de exposição das crianças e monitorar os conteúdos a que estão expostos e "[...] fornecer-lhes continuamente uma crítica corrente dos temas e valores do conteúdo da mídia." (POSTMAN, 1999, p. 167).

Além da discussão envolvendo a infância, aproveitamos esse momento do curso para aprofundar os estudos sobre os conceitos de indústria cultural e semiformação e sua relação com a educação na perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade. A partir da discussão desencadeada pelo documentário, foi possível traçar um diagnóstico da realidade local e das necessidades dos participantes, o que permitiu ajustar a proposição do módulo seguinte que tinha o objetivo de promover a leitura crítica de propagandas para o público infantil disponibilizada em diversos meios e contribuir para ampliação da leitura de mundo dos participantes.

Na avaliação deste módulo, quando perguntamos se a indicação do documentário e a proposta do fórum contribuíram para o desenvolvimento do módulo, todos os 10 participantes responderam afirmativamente.

#### Gráfico 2 – Pertinências das estratégias do segundo módulo.



Fonte: elaborado pelas autoras com base na avaliação dos cursistas no AVA – Moodle (2019).

Uma cursista enfatizou durante as interações do fórum a necessidade de resistir e assumir o desafio de participar de forma efetiva da formação dos "infantes.com":

O documentário fez ressoar na minha mente a seguinte pergunta: Quem são as pessoas que falam com seu filho? Esse questionamento foi impressionante, me fez analisar que sendo a nossa sociedade capitalista diretamente ligada ao consumo, não podemos delegar o que nossos filhos estão se tornando para a indústria de publicidade, eles conversam sim a todo o tempo com eles, mas somos nós os verdadeiros responsáveis por esse consumo desenfreado na infância, pois, tentamos suprir nossa ausência com o consumo exagerado e, quando percebemos o estrago, tentamos minimizar nossa responsabilidade. Falta em nós estabelecer limites, conversar com os nossos filhos sobre o que é valor e o que é preço. Querer eles sempre vão querer, incentivados pela mídia, por propagandas, por *outdoors*, por amigos, desenhos etc. O que muda é como nós, os "responsáveis", vamos nos portar, os 'sins' e os 'nãos' nesse momento irão fazer toda a diferença na vida dos nossos filhos e nós é que devemos assumir isso. E mais uma vez deixo o questionamento do documentário que ficou na minha cabeça e surge a cada vez que olho para os meus filhos: Quem são as pessoas que falam com seu filho? (Cursista 3).

Depois de discutir essas questões no fórum, retomando os conceitos do glossário e desenvolvendo outros estudos, foi proposto o último módulo, intitulado "Educação para quê?". O título do módulo foi inspirado em um texto de Theodor W. Adorno (2003), publicado no livro *Educação e Emancipação*. Adorno nos alerta sobre a necessidade de discutir "para onde a educação deve nos conduzir", já que a resposta a essa questão não está evidente na sociedade e não é compreensível por si mesma. Por isso, a necessidade de reflexão sobre o "para quê" da educação que Adorno destaca. O conceito de Educação apresentado pelo autor nos ajuda a pensar na resposta:

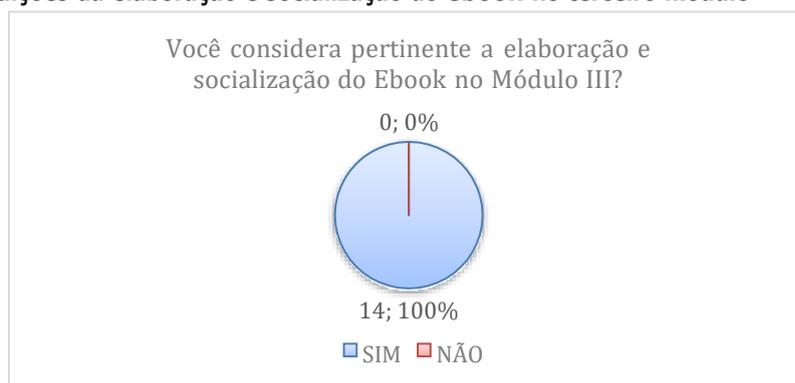
Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. (ADORNO, 2003, p. 141).

Inspirados nessas ideias, poderíamos responder que a Educação deveria conduzir para a emancipação como conscientização. Um conceito que não ignora o objetivo da Educação de preparar os indivíduos para se orientarem no mundo, mas que vai além, ao destacar que é preciso combater uma formação que pressupõe formar pessoas bem ajustadas para esta sociedade e perseguir o propósito de produzir uma consciência verdadeira como exigência política.

Nas primeiras edições do curso, neste módulo foi proposta a elaboração de um ensaio curto na ferramenta Wiki do AVA – Moodle, a partir da seguinte provocação: "Para onde a educação deve nos conduzir?: reflexões sobre infância, mídia e educação." Foi orientado aos cursistas que buscassem elementos levantados no fórum sobre o documentário "Criança a Alma do Negócio" e desenvolvessem a produção textual de forma colaborativa fundamentada nos estudos proporcionados pelo curso. A atividade teve o intuito de instigar o cursista a apresentar uma visão

crítica sobre como a educação pode contribuir para a construção de um diálogo entre as questões que envolvem a indústria cultural e a infância; e os ensaios trouxeram reflexões pertinentes, atendendo os objetivos do curso. Nas duas últimas edições, devido às limitações de recursos da Wiki no AVA – Moodle, alteramos a proposta para a elaboração de um *ebook* no *Canva.com*, um *site* que permite a criação de textos colaborativos a partir de alguns modelos. A proposta da atividade seguiu as mesmas diretrizes, com a possibilidade do *link* do *ebook* ser disponibilizado em um fórum para socialização dos trabalhos e comentários dos participantes.

**Gráfico 3 – Contribuições da elaboração e socialização do ebook no terceiro módulo**



**Fonte: elaborado pelas autoras com base na avaliação dos cursistas no AVA – Moodle (2019).**

Em termos quantitativos, ao avaliar esta atividade, todos os respondentes da avaliação referente à última edição do curso se posicionaram positivamente, conforme demonstrado no Gráfico 3.

Nos comentários da avaliação final do curso, os cursistas se manifestaram sobre a relevância do curso para a discussão do tema, as reflexões que ele gerou e a diversidade de estratégias:

O curso foi muito pertinente. Muito importante nos dias atuais manter esse diálogo entre indústria cultural e educação. Achei muito válido o tema proposto tanto para nosso trabalho como pedagogos como também para nossa vida no ambiente familiar. (Cursista 4).

O curso foi muito proveitoso, gostei das temáticas e das metodologias utilizadas. (Cursista 5).

Gostei de trabalhar no *ebook*, depois que compartilhei no grupo, olhando melhor, percebi que existem muitas maneiras de trabalhar com essa ferramenta. (Cursista 6).

Todas as leituras e vídeos contribuem de forma significativa na construção e reconstrução dos nossos saberes. Tenho avaliado minhas concepções de educação, pessoas e vivências. O curso me direciona na busca de novos olhares acerca do que sou e do que posso fazer para contribuir para uma melhor educação, mais humana e consciente. (Cursista 7).

O curso foi maravilhoso, tornando possível a compreensão do conceito de criança e infância, bem como percebeu-se o grande poder da mídia sobre as crianças. Esse curso possibilitou uma reflexão envolvendo a infância e as

tecnologias dentro do meu campo de trabalho para aprimorar minha prática. (Cursista 8).

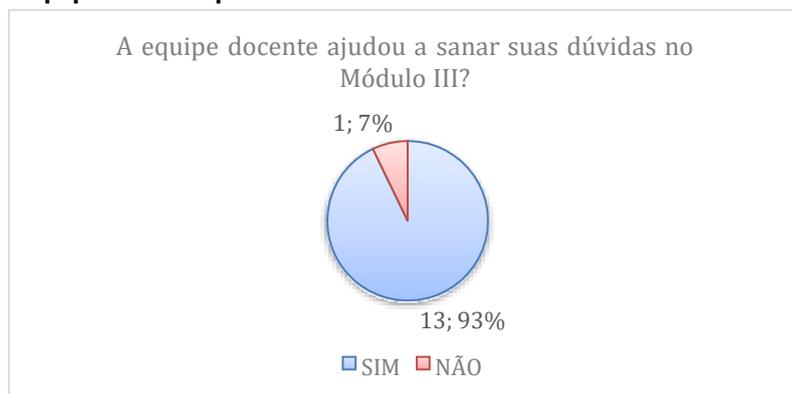
Adorei ver as declarações das mães que mostram com mais realidade a repercussão geral dos efeitos. Desperta para os perigos do uso indiscriminado das mídias ao mesmo tempo que deixa claro a importância de cada recurso colocado à disposição da educação, além de abrir espaço para a problemática da utilização visando a emancipação como conscientização. (Cursista 9).

Alguns cursistas também mencionaram a importância de ampliar a discussão do tema e a duração do curso:

O curso foi bem interessante, com várias reflexões. Penso que poderia ter algumas atividades de maior discussão desse tema tão importante e relevante, talvez mais tempo de curso. (Cursista 10).

Em termos das avaliações realizadas, observa-se que a maioria dos respondentes considera que a equipe docente ajudou nas suas dúvidas e dificuldades, que foram enviadas com mais frequência no último módulo devido ao uso do aplicativo que permitia a escrita de textos colaborativos em rede, conforme mostrado no Gráfico 4.

**Gráfico 4 – Apoio da equipe docente quanto às dúvidas durante o terceiro módulo.**



**Fonte: elaborado pelas autoras com base na avaliação dos cursistas no AVA – Moodle (2019).**

Em linhas gerais, baseadas nas avaliações ao final de cada módulo de caráter não obrigatório e na avaliação final, podemos afirmar que o curso atendeu às expectativas dos cursistas e as sugestões de melhorias nas ofertas referem-se principalmente a um maior aprofundamento das discussões propostas para que os objetivos traçados sejam atingidos em sua totalidade. O número de respondentes das avaliações de caráter não obrigatório oscilou em cada um dos módulos e os cursistas que se disponibilizaram a participar das avaliações representam de 20 a 25% dos que obtiveram a certificação. Porém, mesmo com uma amostra pequena, consideramos que era um canal de comunicação aberto, que teria potencial para registrar as avaliações positivas e negativas de cada etapa do curso, envolvendo os conteúdos, a metodologia e a mediação da equipe docente.

Ao longo das ofertas, em média, observou-se que apenas 50% dos inscritos participaram efetivamente dos três módulos e destes apenas 40% concluíram as atividades para obter a certificação. Em termos de perfil, também considerando a média das ofertas, identificamos que os inscritos atendem ao público-alvo previsto no projeto inicial: profissionais da educação de municípios catarinenses (20%), discentes de graduação (55%) e pós-graduação (5%) e comunidade em geral interessada no tema (20%). O maior índice de desistência é entre os participantes da comunidade geral interessada na temática, justificada pelas dificuldades de acesso ao AVA – Moodle e realização das atividades propostas.

De forma geral, as atividades do curso a distância têm contribuído para impulsionar a discussão em torno das mensagens midiáticas e eram recorrentes algumas afirmações da ausência da discussão do tema na Educação Básica. Apesar dos participantes observarem que a indústria cultural está presente nas escolas e afirmarem que os alunos trazem inquietações em torno dela para a sala de aula, são poucos os momentos em que as mensagens midiáticas estão sendo discutidas com mais efetividade no Ensino Fundamental, nível no qual atuava a maioria dos docentes participantes.

É importante destacar que o tema da mídia e do consumo são propostos para serem abordados no currículo de forma transversal. Nos relatos dos professores, observamos que o estudo fica limitado às propagandas, nas aulas de Língua Portuguesa ao trabalhar com esse gênero textual. Durante as ações de extensão são poucos os relatos específicos que se referem ao trabalho da temática do consumo, que muitas vezes ficam restritos ao tratar das datas comemorativas devido à troca de presentes que elas impulsionam. Também foi ressaltado que algumas redes estavam estudando a adesão a projetos envolvendo a educação financeira, que teria um dos itens relacionados ao consumo e à importância de poupar.

De acordo com Belloni (2012), fomentar a discussão sobre as mídias nas escolas torna-se indispensável para a efetivação da cidadania, dos direitos à educação de qualidade e à comunicação para crianças e adolescentes. Tais questões estão expressas desde a Convenção da ONU sobre os direitos da Criança e do Adolescente (ONU, 1989).

Como já apontado em estudos anteriores (RIPA, 2005), a escola deveria permitir o ensino e a exploração dos meios de comunicação social, para que os indivíduos questionassem o seu poder e influência. Esta foi a intenção de alguns temas transversais, tais como o de Trabalho e Consumo, que apresentavam como objetivo a necessidade de posicionamento crítico em relação às práticas consumistas, às mensagens publicitárias e às estratégias de vendas. Porém, mesmo não tendo conseguido atingir seus objetivos, com tratamento superficial da temática tal como afirmado nos diferentes polos onde a ação de extensão se desenvolveu, atualmente essa discussão tende a aparecer sob uma nova roupagem, com projetos sobre educação financeira e empreendedorismo, que passam a clamar muito mais por uma adaptação ao consumo do que propor uma perspectiva crítica.

Ao mesmo tempo, os professores destacam com frequência que se sentem impotentes diante das influências da mídia e mostraram-se preocupados por não haver muitas formações sobre a questão. Sobre isso, Ketzner (2003, p. 23) elabora uma reflexão importante:

Embora a escola seja caracterizada como um espaço institucional descompromissado com os interesses da indústria que move a produção cultural, não pode fechar os olhos para a sua presença no imaginário das crianças que a frequentam. Desta forma, mesmo que descompromissada, não se faz descontaminada. Mesmo que imbuída de outros propósitos, a instituição se vê obrigada a conviver com as influências do mercado, o que as traduz na presença, muitas vezes ostensiva, de jogos e brinquedos, material próprio das rotinas escolares, vestimentas, quando não com a exigência, por parte das próprias crianças, de que lhes ensinem músicas e danças ditadas também pela moda que está na tela.

Durantes as ações, os participantes do Programa de Extensão puderam perceber o quanto e como a indústria cultural tem invadido a escola, não apenas nos atos de consumo de produtos pelos alunos, mas também nas decorações das salas, materiais escolares, músicas que substituem as sirenes, dentre outros exemplos.

Ainda conforme Ketzler (2003), é importante reconhecer que o papel do educador não é o mesmo que antes era desempenhado pela televisão e, mais atualmente, pela internet. "As linguagens e a gramática da comunicação são muito distintas, a começar pelo fato de que a TV atua para o anonimato da multidão e a docência se faz com um público datado, identificado, pronto para interagir na simultaneidade dos acontecimentos." (KETZER, 2003, p. 23). Neste contexto, o professor "[...] pode e deve desencantar esta criança, bela adormecida enfeitada pelo espelho, [...] despertá-la de seus sonhos de alienação e devolvê-la ao mundo onde convivem os homens e as mulheres, como tão bem sugere a psicanálítica e jornalista Maria Rita Kehl." (KETZER, 2003, p. 23).

Ao mesmo tempo que os participantes reconheceram que é importante ampliar os momentos de formação sobre a temática, destacaram que as atividades propostas nas ações de extensão ajudaram a construir um posicionamento mais crítico diante das mensagens midiáticas e, também, a reconhecer a necessidade de ampliar as abordagens sobre a relação entre a indústria cultural e educação nas suas práticas pedagógicas. Segundo Ketzler (2003, p. 24), o professor pode "[...] passar de refém dos meios e dos produtos da indústria cultural a forte defensor da comunicação da sala de aula, efetiva, que valoriza a voz dos alunos como sujeitos e não objetos do processo."

Nesta perspectiva, o professor passa a constituir, segundo a autora, uma força de resistência ao grande volume de produtos da indústria cultural que mobilizam as crianças a consumir sem questionar, promovendo nas escolas, de forma mais efetiva, uma leitura crítica dos diferentes meios e suas mensagens. Algo que exige do professor uma reflexão crítica não apenas sobre os produtos culturais, mas também sobre a criança na sociedade atual e suas diferentes infâncias.

#### **4 CONCLUSÃO**

Fomentar na formação docente inicial e continuada a discussão ausente sobre a relação entre a mídia e educação é um desafio. Neste sentido, a escola enquanto instituição que tem o

dever de contribuir para o desenvolvimento da autorreflexão crítica dos indivíduos, para a autonomia e para a emancipação (ADORNO, 2003; 2010), possui papel fundamental. Por isso, as ações de extensão, articuladas ao ensino e à pesquisa, ao envolver estudantes, profissionais da Educação Básica e comunidade em geral interessada na discussão dessa temática, têm potencial para promover reflexões críticas sobre as mensagens propagadas pela mídia e possibilitar a efetivação de alternativas de apropriações culturais comunicativas, num contexto em constante mudança. Para atingir esse público e ampliar o acesso, utilizamos a modalidade a distância, com resultados que mostraram que o curso de extensão contribuiu para atingir os objetivos elencados.

Dessa forma, vislumbramos como uma das possibilidades de ampliação desse projeto, que pretendemos avançar nas próximas edições, promover ações de planejamento didático-pedagógico com os participantes para que possam desenvolver com sua turma de alunos e os resultados alimentarem a própria ação de extensão.

Por fim, acreditamos que essa temática, ainda negligenciada na formação acadêmica das licenciaturas, pode contribuir para a discussão da indústria cultural e suas interfaces com a Educação Básica, principalmente com as ações de formação continuada de professores. Uma atitude urgente para a construção da cidadania e que a educação a distância tem potencial para ajudar na sua efetivação via extensão universitária.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, T. W. Teoria da Semiformação. Tradução: Newton Ramos-de-Oliveira. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (org.). **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas-SP: Autores Associados, 2010.

ARRUDA, E. P.; ARRUDA, D. E. P. Educação a Distância no Brasil: Políticas Públicas e Democratização do Acesso ao Ensino Superior. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 3, jul./set. 2015, p. 321-338.

BELLONI, M. L. Mídia-Educação: a mediação escolar indispensável para a cidadania. In: BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC Brasil, 2000/2001.

COSTA, B.C.G. Indústria Cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, B. (org.). **Teoria Crítica e Educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCAR, 1994.

CRIANÇA, a alma do negócio. Produção: Estela Renner e Marcos Nisti. São Paulo: Maria Farinha Produções, 2007. 90 min. Color. Port.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; JACOBI, D. F. Interloquções e discursos de legitimação em EaD. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 106, p. 178-197, mar. 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362020000100178&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000100178&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 jun. 2020.

KETZER, S. M. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOB, S. (org.). **A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

MAAR, W. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na escola de Frankfurt. In: PUCCI, B. (Org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCAR, 1994.

ONU. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> Acesso em: 29 jun. 2020.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RIPA, R. **Indústria Cultural e Educação: qual é a minha marca?** Dissertação de Mestrado. São Carlos, São Paulo: UFSCar, 2005.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

UDESC. **RESOLUÇÃO Nº 015/2019 – CONSUNI/UDESC**, que institui e regulamenta a Política de Extensão Universitária da Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://secon.udesc.br/consuni/resol/2019/015-2019-cni.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.